



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17006 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**APOSTAS FILOSÓFICAS PARA PENSAR O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE FORMAS E FORÇAS**

Priscila de Melo Basilio - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**APOSTAS FILOSÓFICAS PARA PENSAR O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE FORMAS E FORÇAS**

A partir das interações e brincadeiras que aconteceram durante minhas andanças por duas instituições de Educação Infantil situadas no Estado do Rio de Janeiro, sendo que uma delas, na comunidade do Complexo da Maré e outra, em um assentamento em Macaé. Tomei como provocação para o tema central da tese a interface entre currículo-Educação Infantil com a seguinte pergunta: que currículo para qual Educação Infantil? Considerando as mobilizações estimuladas por essa pergunta, parti para a possibilidade de (re) inventar currículos: Currículo-hospitaleiro, Currículo-miudezas, Currículo-conatus, Currículo-afropindorâmico, Currículo-tempo livre, Currículo-afrocentrado, Currículo-selvagem. Neste percurso, me disponibilizei junto às crianças e professoras ao desafio de construir composições que possam fazer vazar, rachar, encontrar escapes, linhas de fuga, vãos, brechas que ampliam as forças inventivas das crianças ao passo que vão ao encontro de princípios defendidos pelas legislações do campo. Pautada nas narrativas e fazeres delas e das professoras, ensaiei muitas possibilidades de inventar currículos outros e, parafraseando um dos poetas que inspira este trabalho, Manoel de Barros, fazer a escola “pegar delírio”. Em abertura para os encontros que aconteciam através de um banho de chuveirão, uma contação de história debaixo da árvore, um momento de exploração de argila e/ou de massinha, fui capturada para acompanhar os movimentos de criação e transgressão das crianças que deslocam as prescrições institucionais e refletir a partir das conversas, observações, interações e brincadeiras as práticas curriculares que despotencializam ou potencializam a vida.

A pesquisadora Marlucy Paraiso afirma que o currículo é constituído por dois movimentos de formas e forças. Em presença das “formas do currículo” (PARAÍSO, 2015, p.50) que capturavam meu olhar e me faziam pensar imediatamente: em como pode a escola acolher/ afetar/ alegrar com esse currículo prescritivo e rígido, sufocada por uma Educação Infantil que impunha regras e marcas de aprisionamentos nos corpos infantis, pois “o problema é que tudo isso paralisa o movimento, o ziguezaguear, o fluxo da vida. Se a forma paralisa o movimento, a força é deformadora das formas, mobilizadora da diferença e agenciadora de devires”. (idem). Neste sentido, foi possível ver alguns escapes e linhas de fuga que me traziam um fio de esperança, a partir de um currículo de movimentos inventivos, forças que desconsertavam as formas e imposições.

A frase de Deleuze, ao lado de Foucault (1982, p. 43), em entrevista “os intelectuais e o poder”, ressalta a importância de não falarmos sobre outro, mas de abrir-se ao outro “se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidas em uma escola maternal” explodiriam o sistema. Desse modo, levamos em conta que tipo de relação são experimentadas: o que elas nos convidam? O que esses movimentos podem nos dizer? Seguimos os passos das crianças e seus desejos? O que passa nesse encontro entre professoras e crianças que nos convidam a ensaiar, ou não, outro modo de existência? Essas perguntas são tentativas de vislumbrar possibilidades de um currículo aberto à escuta desses sujeitos (auto)biográficos que possam investir em percursos transgressores para criação de um espaço-tempo outro tecido nas instituições de Educação Infantil. Pois, quando eles são oportunizados, se tornam momentos de respiro, de se ver liberto de um conformismo de que pouco se pode fazer com um currículo que tem como foco, a reprodução dos modelos impostos e dos conteúdos formais. O modo de organização dos espaços e do tempo de que as crianças se ocupam ou não, é currículo, sendo assim, seus projetos, suas práticas, contradições, disputas, conhecimentos e negociações, constantemente, atravessam a escola para nos fazer pensar: que currículo para qual Educação Infantil?

Na ideia de criar e (re)inventar currículos chamo para conversar o filósofo Spinoza (2009) por acreditar em um currículo dos afetos alegres (Currículo-conatus), uma escola alegre que afirme a vida e o perseverar na existência, já que o aprendizado ético-afetivo tende a ser muito desconsiderado em nossos sistemas educacionais. Já no “Currículo – hospitaleiro” convido Jacques Derrida (2003), sua teoria provoca uma aventura que dissemina e permeia minhas escritas. Minha pretensão (mesmo sabendo da impossibilidade dela) foi escrever sobre gestos de hospitalidade e hostilidade nos currículos das instituições que atendem crianças de 0 a 5 anos (não como binômios de oposição hospitalidade/hostilidade, mas com toda a complexidade que esses apresentam). Ainda nesse ensaio para apontar/inventar possíveis currículos chego à percepção/ao entendimento de que não é possível criarmos mundos outros sem mergulharmos profundamente também nos rios, na terra e fazer uma intensa conexão com a natureza. Os modos colonialistas, capitalistas e individualistas impulsionam os processos de intersubjetividades, e isso não tem sido diferente na escola da infância. Por isso, a importância de olhar para outras culturas que resistem à ideia de que

somos parte independente um dos outros e da Terra. Temos de deixar de sermos aprisionados por essa realidade nefasta do capital que nos distancia cada vez mais do organismo vivo, me junto a autoras e autores negros e indígenas (Krenak; Nêgo Bispo, Fanon, Cavalleiro e outros) que contribuem para refletir outras epistemologias como caminhos de ensaiar outros novos currículos: Currículo-ancestral, Currículo-selvagem, Currículo-afrocentrado, Currículo-cosmo, todos, de mãos dadas e em circularidade para construção de instituições de Educação Infantil antirracista, anticapitalista e contracolônial.

Chego às considerações contingenciais, indicando que os currículos podem/devem ser (re)inventados pelo território local a partir de uma escuta sensível de toda comunidade escolar. As forças dos currículos ensaiados na tese contribuem para contracolinizar as bases excludentes eurocêntricas nas escolas da infância. Podemos inventar currículos a partir da escuta das relações que atravessam nosso fazer na escola. Os currículos que ensaiamos nesta Tese Currículo-hospitaleiro, Currículo-conatus, Currículo-tempo livre Currículo-Afropindorâmico, Currículo-miudezas e outros estão juntos e são como uma teia ou uma própria colcha de retalhos em que não podemos tirar um pedaço e separá-lo do todo para não perder a beleza da composição. O que queremos lembrar é que esses currículos inventados por mim nasceram a partir da escuta do que vivenciei e presenciei no campo, somados a minha própria experiência como docente de crianças pequenas, tocada pela pedagogia da escuta em que muitos momentos eram de maravilhamento, encantamento, solidão, tristeza e alegria. Então, apostamos em compor currículos que juntos permitam o bem viver, um projeto ético em que através deles pudéssemos sacudir as estruturas prescritivas e normativas pelas forças criativas que ainda existem nas escolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** currículo; educação infantil; filosofia.

#### **REFERÊNCIAS**

DERRIDA, Jacques. ANNE DUFOURMANTELLE CONVIDA JACQUES DERRIDA A FALAR DA HOSPITALIDADE. TRADUÇÃO DE ANTONIO ROMANE. São Paulo: Escuta, 2003.

FOUCAULT, M. OS INTELECTUAIS E O PODER. A microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

PARAÍSO, M. A. Um currículo entre formas e forças. Educação: PORTO ALEGRE, v. 3, n. 1, p. 49-58, jan-abr. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/>.

PINAR, William. Multiculturalismo malicioso. CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS, v. 9, n. 2, p. 149-168, Jul./Dez. 2009.

SPINOZA, Baruch. ÉTICA. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.